

B. M. ROCINE

NADA SUBSTITUI
LER A BÍBLIA HEBRAICA
EM HEBRAICO

HEBRAICO BÍBLICO

UMA NOVA
ABORDAGEM
UTILIZANDO
ANÁLISE DO
DISCURSO



Hebraico bíblico © 2019 Editora Cultura Cristã. Originalmente publicado em inglês com o título *Learning biblical hebrew* de B. M. Rocine © 2000 pela Smyth and Helwys Publishing. Todos os direitos são reservados.

1ª edição 2019 – 3.000 exemplares

Conselho Editorial

Antônio Coine
Carlos Henrique Machado
Cláudio Marra (*Presidente*)
Filipe Fontes
Heber Carlos de Campos Jr
Marcos André Marques
Misael Batista do Nascimento
Tarcízio José de Freitas Carvalho

Produção Editorial

Tradução
Markus Hediger
Revisão
Tarcízio José de Freitas Carvalho
Mariana Ferreira de Toledo
Editoração e capa
OM Designers Gráficos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sueli Costa CRB-8/5213

R681h Rocine, B. M.
Hebraico bíblico / B. M. Rocine; tradução Markus
Hediger. – São Paulo : Cultura Cristã, 2019.
608 p.
Título original: Learning biblical hebrew
ISBN 978-85-7622-868-4

1. Gramática – Hebraico I. Título

CDU-22

A posição doutrinária da Igreja Presbiteriana do Brasil é expressa em seus “símbolos de fé”, que apresentam o modo Reformado e Presbiteriano de compreender a Escritura. São esses símbolos a *Confissão de Fé de Westminster* e seus catecismos, o *Maior* e o *Breve*. Como Editora oficial de uma denominação confessional, cuidamos para que as obras publicadas espelhem sempre essa posição. Existe a possibilidade, porém, de autores, às vezes, mencionarem ou mesmo defenderem aspectos que refletem a sua própria opinião, sem que o fato de sua publicação por esta Editora represente endosso integral, pela denominação e pela Editora, de todos os pontos de vista apresentados. A posição da denominação sobre pontos específicos porventura em debate poderá ser encontrada nos mencionados símbolos de fé.



EDITORA CULTURA CRISTÃ

Rua Miguel Teles Júnior, 394 – CEP 01540-040 – São Paulo – SP
Fones: 0800-0141963 / (11) 3207-7099 – Fax (11) 3209-1255
www.editoraculturacrista.com.br – cep@cep.org.br

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas
Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

Para a minha querida Catherine.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
A PRONÚNCIA DO HEBRAICO	15
MÓDULO UM – O gênero da narrativa histórica e o sistema de formas verbais (Lições 1-12).....	25
MÓDULO DOIS – Discurso direto e mais sobre o sistema de formas verbais (Lições 13-26)	107
MÓDULO TRÊS – Comparando os troncos Piel e Hiphil (Lições 27-34)..	224
MÓDULO QUATRO – Empregos especiais do weqatal (Lições 35-37) ..	281
MÓDULO CINCO – Os troncos passivos/reflexivos (Lições 38-45).....	299
MÓDULO SEIS – Raízes geminadas e mais sobre números (Lições 46-50)..	350
LEITURA UM – Abraão é posto à prova	383
LEITURA DOIS – Abrão recebe um nome novo	412
LEITURA TRÊS – Sansão revela o segredo de sua força.....	420
LEITURA QUATRO – Amarás YHVH teu Deus	449
LEITURA CINCO – Davi se torna o campeão de Israel	473
LEITURA SEIS – Jacó se apaixona	483
LEITURA SETE – O vale dos ossos secos de Ezequiel.....	504
LEITURA OITO – José revela sua identidade aos seus irmãos.....	520
COMO PROSSEGUIR?	540
TABELAS VERBAIS	543
VOCABULÁRIO	561
ÍNDICE VOCABULÁRIO	577
ONZE QUADROS ÚTEIS	581
BIBLIOGRAFIA	588
ÍNDICE	594

TABELAS

Esta é a lista das tabelas deste livro na ordem em que aparecem. Nem todas as tabelas são representadas aqui porque os paradigmas são desenvolvidos aos poucos durante o curso, e não há necessidade de incluir uma tabela antes de completá-la.

As consoantes.....	17	Emprego dos pronomes	
As vogais.....	19	subjativos independentes ..	156
Combinações de letras	24	Substantivos irregulares	157
Tabela de análise verbal	30	Gêneros e suas funções	165
<i>Qatal</i> na narrativa histórica.....	58	Sufixos pronominais.....	167
Gradação do niqqud das		<i>Wayyiqtol</i> de יראָה e יראָא 184	184
vogais – longa e curta	76	Formas volitivas.....	204
Linhas principais têm o <i>vav</i> ,		<i>Qal qatal</i> de מרה 214	214
iniciam a cláusula.....	111	Diferenças em sufixos	
Cláusulas dependentes	113	pronominais com verbos....	220
Pronomes demonstrativos	115	<i>Hiphil qatal</i> de יצא 227	227
Substantivos masculinos no		<i>Qal, piel e hiphil</i> comparados ..	228
estado construto e com		<i>Qal qatal</i> /ambiguidades	
sufixos pronominais	118	participiais com	
Substantivos femininos no		raízes ocas	233
estado construto e com		<i>Hiphils</i> de verbos	
sufixos pronominais	120	de movimento	236
Os quatro componentes		<i>Hiphil qatal</i> de נכה 241	241
do sistema verbal hebraico..	122	<i>Hiphil wayyiqtol</i> de נכה 244	244
<i>Qal qatal</i> de נתן.....	137	Comparando a mesma raiz	
Infinitivos construtos.....	139	em três troncos.....	264
Algumas diferenças entre		Raízes estativas no <i>qal</i>	269
<i>wayyiqtol</i> e <i>yiqtol</i> de verbos		O sentido transitivo de <i>piel</i>	270
ocos e raízes III <i>hé</i>	149	בן e בת elaborados	284
Primeiras formas <i>wayyiqtol</i>		<i>Qal qatal, hiphil qatal,</i>	
no singular comum	150	<i>qal yiqtol e hiphil</i>	
Terminações substantivas		<i>yiqtol</i> de עלה 289	289
e adjetivas	154	Expressões que usam יום.....	290

Sinopse de tradução para <i>weqatal</i>	296	Dezenas e milhares	372
Troncos ativos e passivos/reflexivos	299	Números 11 a 19	373
Primeiro paradigma para acrescentar sufixos pronominais	301	Números ordinais <i>primeiro</i> ao <i>décimo</i>	378
Segundo paradigma para acrescentar sufixos pronominais	302	Sincronização leitura/lição.....	382
Números cardinais de 1 a 10...302		Formas confusas de אָמַר	390
O sentido reflexivo do <i>niphal</i> ..312		Abrão é testado	407
Significado do tronco <i>hitpael</i> ..326		Conjugação de מָן com sufixos pronominais	422
<i>Hishtaphel qatal</i>333		<i>Qal yiqtol</i> de יָכַל	426
Peculiaridades ortográficas do tronco <i>hitpael</i>	333	Esquema explicativo preliminar do perfil discursivo	440
Sinopse de מָרַת no <i>hiphil</i> e <i>hophal</i>	340	Conjugação de אָחַר	464
As matrizes agente/paciente dos troncos verbais	345	Deuteronômio 6	470
Outras raízes geminadas	354	Limites de episódios	484
Sinopse do tronco <i>polel</i>	367	Fórmulas de introdução de fala.....	489
Algumas formas duais.....	372	Raízes indiscriminadas com III <i>hê</i>	493
		Tipos de episódios.....	523
		Tabelas verbais.....	542
		Dez tabelas úteis	545

INTRODUÇÃO

As muitas traduções da Bíblia Hebraica em língua portuguesa são realizações notáveis. No entanto, nada substitui ler a Bíblia hebraica *em hebraico*. Em seu livro *Hebrew: The Eternal Language*, Wm. Chomsky cita o historiador e orientalista Ernest Renan:

Uma aljava cheia de flechas de aço, um cabo de forte torção, um trompete de latão que invade o ar com duas ou três notas agudas – esta é a língua hebraica [...] não são muitas as letras de seus livros, mas são letras de fogo. Uma língua desse tipo não foi feita para dizer muito, mas o que ela diz foi forjado numa bigorna. É usada para lançar ondas de ira e gritos de fúria contra os abusos do mundo, para invocar os quatro ventos do céu para atacar as fortalezas do mal. Como a corneta de júbilo do santuário, ela não se presta ao uso profano, mas entoará as notas da guerra santa contra a injustiça e do chamado para as grandes assembleias; terá o som do regozijo e o som do terror; será a trombeta do juízo.

Este volume é um curso de hebraico bíblico de um ano de duração, que exige mais ou menos 300 horas de estudo. O aluno aprenderá o alfabeto hebraico, os fundamentos da pronúncia hebraica e mais ou menos 400 das palavras mais comuns da Bíblia Hebraica. Ao completar o curso, o aluno terá lido aproximadamente mil versículos do texto bíblico.

A lógica deste livro

Já existem muitas gramáticas do hebraico bíblico cuidadosamente elaboradas, algumas bastante novas e de fácil uso, mas existem várias razões pelas quais precisamos de uma abordagem nova. Em primeiro lugar, os textos existentes se concentram em ensinar apenas as partes e os elementos da língua no nível da cláusula ou de suas partes. Permanece um mistério como as partes funcionam dentro de um sistema num contexto mais amplo, como, por exemplo, numa história bíblica. Por outro lado, os linguistas modernos, a pesquisa bíblica assistida por computador e a experiência adquirida com a tradução da Bíblia para centenas de línguas do mundo têm colaborado para nos oferecer novos modelos poderosos e perceptivos para descrever o hebraico bíblico. Aprendemos que as escolhas de um autor nos níveis da palavra, da frase, da cláusula e da oração são influenciadas de modo sistemático pelo contexto

mais amplo. Em outras palavras, um autor guia e orienta seu leitor ao longo de seu texto por meio de sinais gramaticais. Neste curso, estudaremos esses sinais, referindo-nos ao nosso estudo como análise do discurso.

Nenhuma gramática de ensino antes desta incorporou a obra dos muitos analistas de discurso da Bíblia Hebraica desde a obra fundamental de F. I. Andersen na década de 1970, *The Hebrew Verbless Clause in the Pentateuch* (Nova York: Abingdon). Meu objetivo sincero é ajudar as pessoas a entenderem a Palavra de Deus com maior riqueza e intimidade. Para mim, a abordagem analítica discursiva à Bíblia Hebraica é a ferramenta gramatical mais poderosa para alcançar essa intimidade. Portanto, este livro foi escrito para ensinar o poder exegético da análise do discurso desde o início.¹

A segunda razão pela qual este curso se faz necessário é que o estudo do hebraico bíblico precisa ser mais relevante para o estudante da Bíblia de hoje. Como já mencionei, temos numerosas traduções excelentes, concordâncias exaustivas com léxicos codificados numericamente e poderosos *softwares* de estudo bíblico. Será que um único ano de estudo do hebraico bíblico pode valer o esforço? Com tantos recursos de estudo bíblico úteis disponíveis, certamente não existe qualquer necessidade para a maioria de nós de

¹ Vários hebraístas da década de 1990 têm requerido a inclusão da análise do discurso já no início dos estudos do hebraico bíblico, entre eles Dawson, *Text-Linguistics and Biblical Hebrew* (Sheffield: Sheffield Academic Press, 1994), p. 218: “No entanto, é evidente que o benefício mais imediato – e, talvez, maior – da pesquisa linguístico-textual será para os alunos e professores da língua. Assim como verificar as cartas num jogo para determinar se alguma carta está faltando é muito mais fácil se as cartas estiverem organizadas em ordem numérica ou em naipes, aprender (e, portanto, ensinar) *qualquer* língua também é muito mais simples se suas formas estiverem sistematizadas – ainda mais quando se trata de uma língua morta. Se o sistema de tipos textuais (não estou falando dos parâmetros teóricos, mas da simples existência desses tipos textuais) e suas formas principais associadas fosse apresentado aos alunos, isso, de uma só vez, daria ao aluno uma ferramenta para começar a classificar as várias distribuições e funções do verbo hebraico”. E igualmente Longacre: “[...] a análise do discurso emerge não como opção ou como luxo para o aluno sério de uma língua, mas como necessidade” (citado em Waltke e O’Connor, *An Introduction to Biblical Hebrew Syntax* [Winona Lake: Eisenbrauns, 1990], p. 53). E também Joseph: *A Story of Divine Providence: A Text Theoretical and Textlinguistic Analysis of Genesis 37 and 39-48* (Winona Lake: Eisenbrauns, 1989), p. 42: “O todo legisla as partes, enquanto, de outro lado, um estudo das partes é necessário para a compreensão do todo”. E ainda van der Merwe, “From Paradigms to Texts. New Horizons and New Tools for Interpreting the Old Testament”, *Journal of Northwest Semitic Languages* 22/2, p. 179: “Parece que, nos antigos e ótimos dias, os estudiosos judaicos sabiam relativamente muito sobre a gramática do hebraico bíblico e como ela era usada na comunicação no AT. A separação do estudo e ensino da gramática do hebraico bíblico da retórica, concentrando-se nas formas da língua resultou, infelizmente, numa imagem muito reduzida daquilo que constitui um conhecimento do hebraico bíblico. Uma virada recente no estudo da linguagem da mensagem de comunicação para o recipiente da comunicação chama atenção para todo o escopo das variáveis envolvidas no processo de comunicação. Além de revelar o quão pouco sabemos sobre o hebraico bíblico, destaca também as deficiências do ensino da língua baseado no método ‘gramática e tradução’. Apesar de sabermos relativamente pouco sobre a pragmática do hebraico bíblico, tenho a convicção de que sua introdução nos cursos introdutórios não pode mais ser adiada.”

meramente traduzir a Bíblia mais uma vez. No entanto, é exatamente isso que a maioria dos cursos de primeiro ano de hebraico bíblico está ensinando. O aluno aprende que, se ele conseguir traduzir a Bíblia Hebraica de modo a se parecer com a *Almeida Revista e Atualizada*, ele foi bem-sucedido. O aluno contemporâneo sabe que é muito mais eficiente simplesmente comprar a versão *Almeida Revista e Atualizada* da Bíblia e um bom programa de computador para o estudo bíblico. Além disso, os cursos de primeiro ano são tradicionalmente desenvolvidos como se fossem nada mais do que um pré-requisito para os cursos de hebraico bíblico II e III. No entanto, alunos que fazem apenas um ou dois anos de hebraico bíblico costumam esquecer rapidamente quase tudo daquilo em que investiram tanto esforço. Por isso, o objetivo deste volume é ensinar, da primeira à quinquagésima lição, nuances repletas de significado, especialmente aquelas relacionadas à análise do discurso do hebraico bíblico inacessíveis por meio das traduções na nossa língua. Este curso busca ressaltar o valor de ler a Bíblia Hebraica em hebraico. Mesmo não querendo, de forma alguma, desencorajar anos adicionais de estudos do hebraico, este curso procura ensinar algumas sutilezas da prosa bíblica que o aluno possa lembrar e usar durante toda sua vida de estudos bíblicos, mesmo que não dê continuação ao estudo formal após um ano.

A terceira razão pela qual este livro é necessário é oferecer um curso que possa ser usado com *ou sem* a ajuda de um instrutor. É claro, a melhor maneira de usar este ou qualquer outro livro é, definitivamente, fazê-lo na sala de aula com um instrutor, mas, muitas vezes, isso é impossível. Existem relativamente poucas faculdades e universidades no Brasil que ensinam o hebraico bíblico. Supõe-se que muitos daqueles que estariam interessados em aprender o hebraico bíblico não conseguem acessar essas instituições de modo conveniente. Sinagogas ou aulas de hebraico bíblico nas igrejas também são inexistentes em muitas comunidades. Por isso, este livro foi escrito para o estudo independente. Sua abordagem é interativa e insere o aluno e o texto num tipo de diálogo contínuo na forma de um livro de exercícios. O livro faz revisões constantes e tenta antecipar-se às perguntas do aluno remetendo-o constantemente a lições anteriores.

A organização deste livro

As seguintes diretrizes de ensino controlam a organização deste livro:

1. Ensinar primeiro o mais necessário.
2. Usar o texto da Bíblia Hebraica como base de cada lição.
3. Ensinar a análise do discurso desde o início.

No que diz respeito a ensinar primeiro o mais necessário: Ao atribuir uma prioridade maior ao vocabulário e às construções gramaticais que realmente ocorrem com maior frequência no texto bíblico, o aluno fará os maiores progressos possíveis de maneira surpreendentemente rápida. Repetindo um ponto já mencionado acima, muitos alunos do hebraico bíblico só podem investir um ano no estudo da língua. Por isso, este livro foi desenvolvido para ensinar em um ano as informações mais úteis sobre o hebraico bíblico, dentro da medida do possível deste período. Ele não tenta transmitir tudo que se possa saber sobre o hebraico. No entanto, não há necessidade de esperar até o segundo ou terceiro ano de estudos para começar a aprender alguns fundamentos da exegese da Bíblia Hebraica.

No que diz respeito ao compromisso de usar apenas textos bíblicos: Esse compromisso garante a relevância das lições e a certeza do aluno de que ele está avançando. Um versículo bíblico específico gera os conceitos que serão tratados em cada lição. A memorização de tabelas e paradigmas só ocorre a partir do segundo módulo do curso. Este autor não acredita na necessidade de o aluno conhecer todos os paradigmas gramaticais antes de poder se deleitar com textos reais. Na verdade, o objetivo deste curso é envolver o aluno o máximo possível com o texto real. O aprendizado do hebraico não é considerado um fim em si mesmo. O estudo da língua é sempre visto como um meio para maior compreensão da Bíblia.

Por fim, e este é o ponto mais importante: No que diz respeito à escolha da análise do discurso como fundamento teórico: Um discurso é um texto, um grupo de expressões vinculadas umas às outras desde um início até um fim de modo que desenvolvem uma ideia de modo ordenado. Uma história, um cântico, uma tese, uma palestra inaugural, uma carta amável são, todos eles, textos ou discursos. Como mencionado acima, recentemente os linguistas tiveram a oportunidade de estudar centenas de línguas vivas ao redor do mundo, não só no nível da palavra, frase e cláusula, mas no nível do discurso. Os linguistas perceberam que os usuários de uma língua sinalizam ao público o que estão fazendo em seus discursos por meio das construções gramaticais que usam. Por exemplo, quando os escritores contam uma história, eles indicam uma estrutura de história, aquilo que lhes importa mais ou menos, como os eventos estão relacionados, o que ocupa o primeiro plano e o que está no segundo plano, quando a tensão alcança seu auge e assim em diante – e tudo isso por meio de sinais linguísticos. Devido, em grande parte, a organizações como o *Summer Institute of Linguistics* e ao seu esforço de traduzir a Bíblia para as línguas de centenas de

povos indígenas no mundo inteiro, a abordagem pragmática da análise do discurso demonstrou ser um fundamento teórico extremamente rápido e eficiente para aprender uma língua. Visto que não há razão para acreditar que o hebraico bíblico se comportaria diferentemente de qualquer língua viva, procuramos aproveitar a vantagem da análise do discurso no nosso estudo do hebraico bíblico.

A impressão pode ser de que um aluno que está apenas começando o esforço árduo de aprender uma língua nova já precisa suportar um peso suficientemente grande tentando aprender a língua no nível das cláusulas ou num nível inferior a este. Pode parecer que acrescentar questões discursivas superiores significa sobrecarregar o currículo. Pelo contrário: o acréscimo de questões discursivas organiza e sistematiza a apresentação do material introdutório *por meio de um sistema que é inerente à língua a ser aprendida*, e, na verdade, isso já faz parte da experiência do aluno com o funcionamento da língua. Já que o sistema usado para organizar o material é inerente à língua e familiar ao aluno, o estudante é capaz de absorver informações em maior quantidade e com maior facilidade.

Alguns pontos para finalizar

A ênfase deste livro *não* será escrever e falar o hebraico. Sugiro fortemente que aqueles que queiram aprender o hebraico moderno e conversacional procurem outro material mais adequado. Uma capacidade de pronúncia segura e automática do hebraico é muito importante para poder ler e desfrutar a Bíblia Hebraica. Caso contrário, o aluno estará tão preocupado com a pronúncia do texto que isso afetará sua compreensão. No entanto, uma ênfase excessiva numa pronúncia perfeita ou “nativa” também não é necessária. O livro não encoraja uma pronúncia desleixada ou descuidada do hebraico, mas também não dá à pronúncia a ênfase que seria apropriada num curso de hebraico conversacional.

Normalmente, uma gramática de primeiro ano não vem com notas de rodapé, e mesmo que esta não tenha anotações tão extensas quanto uma tese de dissertação, existem numerosas anotações que remetem à literatura que discutem o tema em questão. Essas notas não se dirigem em primeiro lugar ao aluno do primeiro ano, que facilmente pode ignorá-las sem comprometer seus estudos. Elas são primariamente para o benefício de instrutores que queiram usar este livro, mas que ainda não se familiarizaram com alguns dos estudos mais recentes. Além disso, podem ser úteis para o aluno que encerrou este curso e pretende dar continuação aos seus estudos. As notas podem ser

úteis também para alguém que já tem alguns conhecimentos em hebraico, mas deseja aprender mais sobre a análise do discurso da Bíblia Hebraica.

Agradecimentos

Como mencionei, devo muito aos hebraístas das últimas três décadas, cuja pesquisa inspirou esta obra, e espero fazer jus ao seu trabalho no texto e nas suas anotações. Devo agradecimentos especiais a Robert Longacre e Alviero Niccacci, pois este projeto se apoia essencialmente em seus trabalhos. Agradeço a ambos pelo tempo e interesse que dedicaram a este projeto. Este curso foi desenvolvido ao longo de seis anos de trabalho em campo numa variedade de contextos acadêmicos e informais, no ensino médio, no campo missionário e na faculdade, e eu agradeço a todos os estudantes e instrutores que contribuíram com sugestões e conhecimentos valiosos para melhorar as lições. Preciso expressar minha gratidão àquelas almas generosas de *The Church of the Living Word* em Syracuse, NY., e acima de tudo a Richard e Linda Ludovico, que leram os primeiros esboços de muitas destas lições enquanto descobríamos os méritos dessa nova abordagem. Agradeço também pela assistência de Stanley Bray, Dutch Schultz e Paul Bailey, que forneceram tanto apoio técnico no uso do computador para este projeto. Devo muito também a Rodney K. Duke da *Appalachian State University* por suas críticas construtivas. Assumo a responsabilidade plena por todos os erros que permanecem nesta obra.

Material exigido para este curso

Além deste texto, o aluno precisará de uma Bíblia Hebraica com pontuação massorética, preferivelmente a *Biblia Hebraica Stuttgartensia* e um bom léxico hebraico-português para a Bíblia Hebraica (para alunos que dominam o inglês, sugiro *The New Brown-Driver-Briggs-Gesenius Hebrew-English Lexicon* [Peabody: Hendrikson, 1979]). Ambos os livros podem ser adquiridos por meio da Eisenbrauns, Inc. (telefone: 1-219-269-2011, e-mail: orders@eisenbrauns.com) dentre outros fornecedores.

A PRONÚNCIA DO HEBRAICO

Uma breve história

Se um iniciante em hebraico contemplar qualquer página da Bíblia hebraica, é provável que ele não veja uma única coisa que lhe pareça familiar. Em decorrência disso, o desafio de apenas aprender o alfabeto hebraico já o assusta. E tem também a questão da leitura do hebraico, que é feita da direita para a esquerda. Muitos alunos perguntam: “Por que o hebraico funciona na direção errada?” Se levarmos em conta que o hebraico foi escrito da direita para a esquerda milhares de anos antes de o rei D. Dinis escrever “Ai flores, ai flores do verde pino, se sabedes novas do meu amigo! ai Deus, e u é” na Idade Média, qual é a língua que tem algo de estranho nela?

Na verdade, um aluno que não conheça a fonética hebraica e inglesa, todo o resto permanecendo igual, muito provavelmente preferiria aprender o hebraico. Diferentemente do inglês, toda pronúncia hebraica faz sentido e funciona de acordo com um conjunto de regras relativamente modesto. Nada do que ocorre constantemente no inglês acontece no hebraico: por exemplo, a pronúncia diferente da letra “o” em palavras como *love* e *rove*. Ou, para citar o exemplo clássico: sete pronúncias diferentes para a mesma sequência de letras, *-ough-*, como em *rough*, *though*, *bough*, *ought*, *through*, *cough* e, sim, até *hiccough*!

Originalmente, a Bíblia hebraica foi escrita num alfabeto diferente daquele que você aprenderá aqui. Os escribas começaram a usar o alfabeto aramaico “quadrado”, empregado hoje na Bíblia hebraica, apenas a partir do exílio babilônico no século 5 ou 6 a.C. Originalmente, a Bíblia hebraica foi escrita apenas com consoantes, ou seja, sem vogais. Muitos estudiosos acreditam que, ao longo do tempo, algumas consoantes começaram a exercer uma função dupla de vogais, que então eram acrescentadas ao texto para ajudar na pronúncia e para esclarecer o texto. Talvez você se pergunte como alguém conseguiria entender uma língua escrita sem vogais. Você consegue ler esta oração sem qualquer problema?

Vms ndr n lg mnh.

O “n” significa *na* ou *no*? Você verá que o mesmo tipo de interpretação precisa ser feito com frequência no hebraico. Talvez você queira

saber também que a maior parte do hebraico moderno é escrita com o mínimo de vogais.

No entanto, nos séculos 10 e 11 d.C., estudiosos judeus chamados *masoretas* acrescentaram marcas ao texto da Bíblia hebraica que não alterasse o texto consonantal, mas que auxiliasse na pronúncia exata dele. O resultado foi um sistema de pontos, traços e outros símbolos inseridos acima, abaixo e entre as consoantes.

DEFINIÇÃO: O sistema de pontos, traços e outros marcadores acrescentados ao texto de consoantes é chamado de **niqqud** do texto – sinais diacríticos. O *niqqud* consiste em duas partes, os marcadores de vogais e um sistema de acentuação.

Neste curso, você investirá muito tempo no aprendizado e no emprego dos marcadores de vogais e muito menos tempo no sistema de acentuação.

As consoantes

Você aprenderá mais sobre o *niqqud* em breve, mas comecemos por onde começou também a Bíblia hebraica, com as consoantes. À medida que você for aprender cada letra do alfabeto e, mais adiante, os símbolos para cada vogal, você terá que associar duas coisas a cada símbolo, da mesma forma como você fez na educação infantil, quando recitou: “*B* é o /b/ em *bola*.” Evidentemente, você precisa aprender o nome de cada símbolo para que, mais tarde, possamos nos referir às letras nas lições deste livro. Aprender os nomes dos símbolos nos fornece o jargão linguístico que precisamos na nossa instrução. Muito mais importante, porém, é que você aprenda o som produzido por cada símbolo. Apesar de não estudarmos o hebraico moderno, este curso usará a pronúncia que se ouve normalmente no Israel moderno e que, provavelmente, é o dialeto mais fácil de se aprender, o *sefardi*. Provavelmente, sua habilidade de pronunciar o alfabeto hebraico não será automática antes de chegar à primeira lição, mas isso não é um problema. Mas, em algum momento, você terá que adquirir esse automatismo se você não quiser ficar “pensando” o tempo todo em como pronunciar o conteúdo da Bíblia hebraica e se quiser se concentrar na compreensão do texto. Se você se der ao trabalho de pronunciar todos os versículos, exercícios e exemplos hebraicos fornecidos neste texto, você deve adquirir essa pronúncia automática do hebraico até o final deste curso.

AS CONSOANTES

Letra	Nome	Som		Letra	Nome	Som
א	Alef	Mudo		ל ou ל	Lamed	/l/
ב	Bet	/b/		מ מ ou ם(final)	Mem	/m/
ג	Bet	/v/		נ נ ou ן(final)	Nun	/n/
ד ou ד	Guímel	/g/		ס ou ס	Samech	/s/
ה ou ה	Dalet	/d/		ע	Ayin	Mudo
ו	Hê	/R/ como em rato		פ	Pê	/p/
ז ou ז	Vav	/v/		פ ou ף(final)	Pê	/f/
ח ou ח	Zayin	/z/		צ צ ou ץ(final)	Tsadê	/ts/
ט	Chet	/ch/ como em Bach		ק ou ק	Qof	/k/
י ou י	Tet	/t/		ר	Resh	/r/ como em ar
י ou י	Yod	/y/		ש ou ש	Sin	/s/
כ ou ך(final)	Caf	/k/		ש ou ש	Shin	/ch/ como em chiado
כ ou ך(final)	Caf	/ch/ como em Bach		ת ou ת	Tav	/t/

Observações:

1. A maioria das letras tem sons que correspondem perfeitamente aos sons do alfabeto português, como mostra a tabela acima.

2. Acredita-se que, originalmente, o *alef* [א] e o *ayin* [ע] tenham representado um som de parada gutural. No entanto, seguindo a prática moderna, nós os trataremos como essencialmente mudos. Veremos que ambas as letras podem vir acompanhadas de uma vogal, caso em que a consoante continua silenciosa, mas a vogal é pronunciada.
3. Cinco letras têm formas finais – *caf*, *mem*, *nun*, *pê* e *tsadê*. As formas finais só são usadas quando essas letras ocorrem no final da palavra. Caso contrário, a forma regular é usada. Lembre-se de que o hebraico é lido da direita para a esquerda quando ler as palavras hebraicas abaixo como exemplos de letras regulares e finais (as vogais foram excluídas):

מה (*mem* regular)
 שמה (*mem* regular)
 שם (forma final do *mem*)
 צרק (*tsadê* regular)
 מצא (*tsadê* regular)
 ארץ (forma final do *tsadê*)

4. Muitas das letras podem receber um ponto, chamado *daguesh*, mas apenas em alguns poucos casos o *daguesh* tem um efeito sobre a pronúncia da letra no hebraico moderno. As pronúncias afetadas ocorrem nas letras *bet*, [ב vs. בּ], *caf* [כ vs. כּ] e *pê* [פ vs. פּ]. A presença ou ausência do *daguesh* no hebraico moderno não afeta a pronúncia das outras letras que podem receber o *daguesh*.
5. Existem várias letras, chamadas **letras guturais**, que nunca ou apenas raramente podem receber o *daguesh*. Estas incluem as letras *alef* [א], *hê* [ה], *chet* [ח] e *ayin* [ע]. Tecnicamente, *resh* [ר] não é uma letra gutural, mas age essencialmente como se fosse uma no que diz respeito à sua recusa de aceitar um *daguesh*. Mais adiante, você aprenderá que a recusa dessas letras de aceitar o *daguesh* tem alguns efeitos importantes sobre uma palavra.
6. Um som em hebraico que não temos em português é o som das letras *chet* [ח] e *caf* (sem o *daguesh*) [כ ou a forma final ך]. O som, simbolizado neste livro por /ch/, é produzido formando a boca de modo semelhante ao que fazemos quando produzimos o som de *k* e então soprando de modo que o ar passe pela língua no fundo da boca. É semelhante ao *ch* alemão em *Bach*.

7. Algumas das letras hebraicas produzem sons que temos em português, mas que são representados por dígrafos em português. São estas o *tsadê* [צ צ ou ץ], pronunciado como o *ts* em *tsunami*, e o *shin* [שׁ ou שׂ], cuja pronúncia é /x/ ou /sh/, mas aqui como em ‘chiado’.

As vogais

O *niqqud*, como você se lembrará, são marcadores de vogais e acentos acrescentados pelos massoretas ao texto original de consoantes. Abaixo, a tabela com o *niqqud* das vogais. Cada um dos marcadores de vogais é apresentado com um *alef* [א], de modo que você consiga ver como os marcadores de vogais se localizam espacialmente em relação às consoantes.

AS VOGAIS

Niqqud (com um <i>alef</i>)	Nome	Som
◌ֶ	<i>qamets</i>	/a/ como em <i>árvore</i>
◌ַ	<i>patach</i>	/a/ como em <i>árvore</i>
◌ֵ	<i>sere</i> (plena)	/ei/ como em <i>queijo</i>
◌ִ	<i>sere</i> (defectiva)	/ei/ como em <i>queijo</i>
◌ֹ	<i>segol</i>	/é/ como em <i>pedra</i>
◌ֻ	<i>chatef segol</i>	/é/ como em <i>pedra</i>
◌ִי	<i>chireq</i> (plena)	/i/ como em <i>ilha</i>
◌ִי	<i>chireq</i> (defectiva)	/i/ como em <i>mina</i> ou /I/ como em <i>animal</i>
◌ֹו	<i>cholem</i> (plena)	/ou/ como em <i>touro</i>
◌ֹו	<i>cholem</i> (defectiva)	/ou/ como em <i>touro</i>
◌ֹוּ	<i>qamets khatuf</i>	/ó/ como em <i>olhos</i>
◌ֹוּ	<i>chatef qamets</i>	/ó/ como em <i>olhos</i>
◌ֹוּ	<i>shureq</i>	/u/ como em <i>uva</i>
◌ֹוּ	<i>qibbuts</i>	/u/ como em <i>uva</i>
◌ֹוּ	<i>shewa mudo</i>	Mudo
◌ֹוּ	<i>shewa vocal</i>	/é/ curto como em <i>cego</i>
◌ֹוּ	<i>chatef patach</i>	/a/ como em <i>árvore</i>

Observações:

1. Vários marcadores de vogais podem produzir o mesmo som. Muitas vezes, isso nada mais é do que *plena* alternativo, que significa soletração *completa*, em oposição à *defectiva*, que significa soletração *abreviada* do mesmo som. Observe que o mesmo símbolo [ַ] é, às vezes, pronunciado como /a/ e, às vezes, como /o/. A pronúncia desse símbolo é determinada por uma regra confiável que você aprenderá na lição 3.
2. Duas letras que você já conheceu como consoantes, o *vav* [ׁ] e o *yod* [ׂ], também podem ser usadas como vogais. Em breve, você verá que o uso desses símbolos não é ambíguo. Se, por exemplo, o símbolo ם representa /v/ ou /u/ em determinada palavra hebraica é determinado por regras completamente confiáveis.
3. Os marcadores *chatef segol* [ְּ], *chatef qamets* [ֿֿ] e *chatef patach* [ֿֿֿ] são, muitas vezes, chamados coletivamente como *shewas compostos*. Eles produzem os mesmos sons como suas contrapartes, as vogais *segol* [ֿ], *qamets* [ֿֿ] e *patach* [ֿֿֿ], só que mais curtos.

Sílabas abertas

A regra básica da ortografia hebraica é que cada consoante, com a exceção da última, numa palavra ou as letras *alef* [א] e *ayin* [ע] precisam vir acompanhadas por alguma vogal. Ao pronunciar o texto, o leitor procede da direita para a esquerda, uma consoante com sua vogal, uma consoante com sua vogal.

Uma sílaba aberta é uma sílaba que termina com o som de uma vogal. Pronuncie as seguintes sílabas abertas (cada *qamets* [ֿֿ] é um *qamets* regular, pronunciado como /a/).

בִּי גִּי דִּי חִי זִי הִי וִי טוּ
 יִפּוּ כִּלְלִי לְמִי מְנַבֵּב
 סִפּוּ פִּפּוּ צִפּוּ צִקּוּ טוּ יוּ יוּ
 שִׁשׁוּ שׁוּ שׁוּ שׁוּ שׁוּ שׁוּ
 תִּתּוּ קִתּוּ רִתּוּ שִׁשׁוּ

Lembre-se de que as letras *alef* [א] e *ayin* [ע] são silenciosas por si sós. No entanto, elas podem vir acompanhadas de uma vogal que é pronunciada. Além disso, algumas palavras têm um *alef* ou *ayin* sem vogal, e assim as

duas consoantes silenciosas se fazem presentes sem qualquer valor de pronúncia. Nesses casos, ainda assim essas letras fornecem uma informação importante para o significado da palavra. Pronuncie as seguintes sílabas abertas com um *alef* ou *ayin*:

אֵי אָ אִי אֵי אִי אֵי אִי אֵי אִי אֵי אִי אֵי אִי אֵי אִי אֵי אִי
 אָ אִי אֵי אִי אֵי אִי אֵי אִי אֵי אִי אֵי אִי אֵי אִי אֵי אִי
 אֵי אִי אֵי אִי אֵי אִי אֵי אִי אֵי אִי אֵי אִי אֵי אִי אֵי אִי

Sílabas fechadas

Sílabas fechadas são aquelas que terminam com o som de uma consoante, ao contrário das sílabas abertas que você conheceu acima e que terminam com uma vogal. Diferentemente das sílabas abertas, que, muitas vezes, contêm apenas uma consoante, as sílabas fechadas costumam conter um mínimo de duas consoantes, uma que inicia a sílaba e outra que a encerra. Pronunciar as sílabas fechadas lhe dará uma oportunidade de praticar as formas finais das letras, portanto, fique atento às formas finais das letras *caf* [כַּ], *mem* [מַ], *nun* [נַ], *pê* [פַּ] e *tsadê* [צַ]. Pronuncie as seguintes sílabas fechadas:

אֵל אֵל אֵל אֵל אֵל אֵל אֵל אֵל אֵל אֵל אֵל אֵל אֵל אֵל אֵל אֵל
 כָּל קוֹל אִישׁ חוּץ חוּץ מוֹל מוֹל מוֹל מוֹל מוֹל מוֹל מוֹל מוֹל מוֹל מוֹל מוֹל מוֹל מוֹל מוֹל
 אֵד לָד לָד לָד לָד לָד לָד לָד לָד לָד לָד לָד לָד לָד לָד לָד לָד לָד
 בֵּן שֵׁם שֵׁר עַד כֵּן רִיב גַּם אִם עִם בֵּין בֵּין בֵּין אִחַ דָּג קָדַךְ רָדַךְ
 תָּרַךְ תָּרַךְ תָּרַךְ תָּרַךְ תָּרַךְ תָּרַךְ תָּרַךְ תָּרַךְ תָּרַךְ תָּרַךְ

Palavras multissilábicas

Avançar para palavras multissilábicas é uma questão relativamente simples no caso da maioria das palavras. A sílaba tônica em palavras multissilábicas costuma ser a última sílaba da palavra. Esse padrão é tão prevalente que você deve sempre pronunciar as palavras hebraicas neste texto com ênfase na última sílaba, a não ser que você seja instruído a proceder diferentemente por um acento [^] neste livro. (O acento não aparece na seção de “tarefas” deste livro).

Outro detalhe que precisamos aprender aqui é o que fazer com o *hê* [הַ] no final de uma palavra. Se um *hê* encerra uma palavra e não vem acompanhado de uma vogal, i.e., se o *hê* encerra a última sílaba de uma palavra,

ele é mudo. Por exemplo, na palavra הָיָה, o primeiro *hê* é pronunciado /h/, e o segundo é mudo. Por outro lado, o *hê* que encerra uma palavra e que possua uma vogal é pronunciado /h/, como na palavra פִּיָּהּ. Observe, mais uma vez, a diferença:

הָיָה ↑ <i>hê</i> final sem vogal não é pronunciado	פִּיָּהּ ↑ <i>hê</i> final com vogal é pronunciado
---	--

A única exceção à regra é quando o *hê* tem um ponto dentro dele. O ponto não é o *daguesh* que você conheceu acima. É um ponto especial chamado *mappiq*, que encontramos apenas no *hê* final. O *hê* com *mappiq* é pronunciado com aspiração ou sopro de ar no final de uma palavra. Exercitaremos o *mappiq* apenas a partir da lição 19.4. Todas as sílabas nas palavras abaixo são abertas, com a exceção da última sílaba que pode ser aberta ou fechada. Pronuncie as seguintes palavras:

אָמַר אָמַר אָמַר אַחַד עָלָה עָשָׂה עָשָׂה עָשָׂה דָּבַר פָּנִים בֵּית אֲשֶׁר
 מִזְשָׁה אֲשֶׁה לָקַח אָחַד יָשַׁב אֶרֶץ אֱלֹהִים הִנֵּה הָאֲדָמָה תַעֲשֶׂה אָמַר
 שָׁלַח כַּהֵן מִלֵּךְ מִלֵּךְ אֵלֶּה דָּוִד

Shewa mudo e vocal

Discernir entre o *shewa* mudo e o *shewa* vocal pode ser difícil durante algum tempo. Primeiro analisaremos o problema perguntando-nos por que o *shewa* mudo é necessário. Como você se lembrará, cada consoante, com a exceção ocasional de um *alef*, *ayin* ou da última letra numa palavra, precisa ser acompanhada por uma vogal. No entanto, rapidamente surgirá a necessidade de fechar sílabas *internas*, ou seja, sílabas que não sejam as últimas sílabas de uma palavra. No caso de uma sílaba interna fechada, precisamos usar uma “vogal” silenciosa. Por exemplo: Veja a palavra *Israel* em hebraico: יִשְׂרָאֵל

Vamos dividi-la em sílabas:

יִשְׂ / רָ / אֵל

A primeira sílaba é fechada porque termina com uma consoante, mas as regras da ortografia hebraica bíblica exigem que o *sin* [שׁ] seja acompanhado por uma vogal. Os estudiosos judeus que acrescentaram o *niqqud* ao texto de consoantes usariam o *shewa* [ְ] num caso assim. Basicamente, visto que o *sin* fecha a sílaba interna, o *shewa* é mudo, e a sílaba é pronunciada /yis/.

As duas sílabas seguintes são mais fáceis: uma é uma sílaba aberta, pronunciada /ra/ e a última é fechada, pronunciada /el/. Em conjunto, a palavra inteira é pronunciada /yis-ra-EL/ (as maiúsculas serão utilizadas para mostrar a sílaba tônica).

Podemos solucionar o problema de distinguir entre um *shewa* mudo e um *shewa* vocálico se o olharmos de outro ângulo e listarmos as ocasiões em que o *shewa* precisa ser vocalizado.¹ Lembre-se de que seu som é um /e/ curto:

1. Quando o *shewa* ocorre sob a primeira letra de uma palavra, trata-se de um *shewa* vocal, como em יהוּדָה, que é pronunciado como três sílabas abertas: דָּה / הוּ / יְ
2. Quando ocorrem dois *shewas* seguidos, o segundo precisa ser vocalizado (nesse caso, representa uma sílaba aberta com uma única consoante), como em יְשָׁמְרוּ, que contém um *shewa* mudo e um *shewa* vocal. Mais uma vez, a palavra é pronunciada como três sílabas:

רַו	/	מְ	/	שׁ
		↑		↑
		vocal		mudo

Ao pronunciar as seguintes palavras, observe como o *qamets* [ָ] é levemente suspenso no *caf* final [ך] em comparação com a posição do *qamets* nas outras letras:

אֲבָרָהֶם	מִצְרַיִם	יְרוּשָׁלַיִם	מִשְׁפָּחָה	שְׁלֹמֹה	פְּלִשְׁתִּי
יְשָׁמְרוּ	יְשָׁמְעוּ	לְמַעַן	בְּיַדְבָר	וּקְטֹל	וְלֹא

¹ Alguns gramáticos ensinam um terceiro caso em que o *shewa* é vocalizado, i.e., quando ele ocorre após uma vogal longa (*qamets*, *shureq*, *chireq*, *sere* ou *cholem*). Nossa técnica se orientará mais pela prática israelense moderna.

וְהָיָה	תִּשְׁמֹר	בְּרִיתִי	תִּקְרָא	יַחְיֶה	אֲשֶׁתְּךָ
וְיִשְׁמַעְאֵל	מִמֶּרָא	צְחָקְךָ	גִּרְר	שְׂכָבְתוֹ	וְאִמְרָתְךָ
וְאִרְאֶה	וְיִלְדָה	יִפְגְּעוּ	קִלְךָ	גַּחֲנֹךָ	יִשׁוּפְךָ

Combinações de letras

Um último detalhe que discutiremos nesta breve introdução à pronúncia são as combinações de letras cuja pronúncia não pode ser deduzida das regras acima.

Combinação	Som
אֵי_ como em אֵחָי	/ai/ como em <i>vai</i>
אֵי_ como em אֵדָנִי	/ai/ como em <i>vai</i>
אֵי_ como em אֵלָיו	/av/ como em <i>lava</i>
אֵה_ como em רֵאָה	/e/ como em <i>cedo</i>
אֵי_ como em תֵּעָשִׂינָה	/e/ como em <i>cedo</i>
אֵי_ como em גֵּוִי	/oi/ como em <i>foi</i>

MÓDULO UM

O gênero da narrativa histórica e o sistema de formas verbais

RESUMO: Dois dos termos mais usados neste livro são *discurso* e *gênero*. Lembre-se de que um discurso é um texto autocontido, longo ou curto, mas um texto que tem seu próprio plano, propósito e significado. Um *gênero*, no sentido em que o usaremos aqui, é um *tipo* de discurso. Já que este livro possui metas modestas, apropriadas a um curso de hebraico bíblico de primeiro ano, você não precisará aprender todos os aspectos teóricos e estruturais interessantes, mas técnicos, que distinguem um gênero de outro. Se estiver interessado, você pode aprender mais sobre a teoria por trás dessa abordagem em *Grammar of Discourse*, de Longacre (1983), ou na obra de outros linguistas especializados em discurso. Para os nossos propósitos, bastará distinguir um gênero do outro simplesmente com a ajuda de dois aspectos: 1) a TAREFA GENÉRICA que um escritor/orador executa ao usar o discurso, e 2) o conjunto de CONSTRUÇÕES GRAMATICAIIS que caracteriza o discurso.

GÊNERO = TAREFA + CONJUNTO DE CONSTRUÇÕES GRAMATICAIIS
um tipo de discurso

O estudo da prosa do hebraico bíblico é um dos principais conceitos organizacionais deste livro. Para obter uma impressão da direção que seguiremos, dê uma olhada na seguinte lista de gêneros que você conhecerá neste curso e das tarefas que eles executam:

GÊNEROS E TAREFAS QUE EXECUTAM

GÊNERO	TAREFA
Narrativa histórica	Contar uma história sobre o passado
Narrativa profética	Contar uma história que se passa no futuro
Discurso instrucional	Dizer como algo deve ser feito

Discurso exortatório	Influenciar a conduta de alguém
Discurso procedural	Informar como um procedimento era feito no passado

O primeiro módulo se dedicará à **narrativa histórica**, o gênero mais comum na Bíblia Hebraica, responsável por aproximadamente 40% da Bíblia Hebraica. Como mostramos na tabela acima, a tarefa da narrativa histórica é contar uma história sobre o passado. Portanto, é o gênero dominante desde Gênesis até 2Reis e em outros livros como Jonas e as Crônicas. Neste módulo, você conhecerá o conjunto de construções gramaticais que encontramos na narrativa histórica da Bíblia Hebraica e aprenderá como elas funcionam para contar uma história do passado do autor/orador.

Este é um módulo muito empolgante, pois é nele que os esforços de seu estudo lhe darão o maior retorno. Você conhecerá a forma verbal mais comum na Bíblia Hebraica, o **wayyiqtol** (pronunciado va-yic-TOL), usada mais de 14 mil vezes. A forma verbal do *wayyiqtol* funciona como a **linha principal** de uma história bíblica hebraica, como um esqueleto ao qual o resto da história se agarra. O equivalente desta função de linha principal na narrativa histórica em português é executada pelo tempo verbal do pretérito perfeito, por exemplo: *disse*, como em: *E Deus disse*. Você aprenderá várias outras formas verbais usadas na narrativa histórica, que, como um todo, chamaremos de formas verbais de **linha secundária**. As formas verbais de linha secundária servem à linha principal da história fornecendo detalhes, pano de fundo e clarificação da linha principal. Por fim, você estudará como a forma verbal da linha principal e as diversas formas verbais de linha secundária cooperam na narrativa histórica para fornecer a determinado texto o seu **perfil discursivo**, um tipo de “forma do discurso”.

LIÇÃO 1

רִאֲמֹר יְהוָה

Gênesis 2.18

Como funcionam as lições

Como já expliquei na introdução ao livro, cada lição começa com um “versículo” da Bíblia Hebraica especialmente selecionado. O versículo ilustra um pequeno número de tópicos para aquela lição. Os 50 versículos das lições abarcam, em conjunto, grande parte do material que um aluno do primeiro ano precisa, na ordem aproximada de sua frequência na Bíblia Hebraica (para absorver *todo* o material neste curso de um ano, você precisará completar também as leituras que acompanharão as lições 15-50). Chamaremos o versículo da lição de “versículo” como nome conveniente, mas se fôssemos perfeitamente corretos, o versículo da lição nem sempre é um versículo bíblico inteiro. Em nome da simplicidade, muitas vezes, excluimos do versículo bíblico material com o qual não estamos familiarizados. Ou o abreviamos para isolar os tópicos de um lição específica.

Ao longo de todas as lições você estudará um pequeno número de tópicos basicamente na mesma ordem em que eles ocorrem no versículo quando o lemos da direita para a esquerda, ao estilo hebraico. Saiba, porém, que dificilmente todos os tópicos de uma lição podem ser considerados de valor igual. Algumas informações são essenciais para o domínio rápido, outras informações podem ser de natureza menos importante e apenas explicativa. Para ajudá-lo a identificar as informações mais importantes numa lição, os objetivos principais de cada uma serão informados em seu início.

Um dos objetivos mais importantes de cada lição é “identificar e ler” determinada construção. A parte da leitura é um conceito muito importante neste curso. Ler um texto não significa apenas pronunciar as palavras ou apenas traduzi-las. Significa também entender como um tipo específico de construção ajuda ao escritor alcançar suas metas. O estudo da maneira como um escritor tenta alcançar seus objetivos é onde entra a análise do discurso. Ao começarmos o primeiro módulo, lembre

que você começará estudando o gênero da narrativa histórica e como o autor hebraico usa sua linguagem da melhor forma para contar uma história eficaz.¹

Objetivos da lição 1:

- Identificar e ler a forma verbal Qal wayyiqtol da terceira pessoa do masculino singular.
- Aprender os termos associados à tabela de análise verbal.

Pronúncia

1.1a. Pronuncie o versículo da lição da direita para a esquerda, uma consoante com sua vogal, uma consoante com sua vogal. A última sílaba de מֵרָמַיִם é uma sílaba fechada, assim chamada porque termina com uma consoante. É pronunciada /mer/. A sílaba tônica da maioria das palavras hebraicas é a última, mas a forma verbal wayyiqtol é, muitas vezes, uma exceção importante. O *vav* com seu *patach* exerce uma influência tão forte sobre a palavra que, muitas vezes, ele “atrai” a ênfase na palavra de sua posição natural no final da palavra em direção ao início da palavra. Portanto, מֵרָמַיִם é pronunciado /va-YO-mer/. Voltaremos a falar sobre essa mudança na ênfase mais adiante.

A fim de esclarecer a pronúncia neste livro, sempre que uma palavra tem sua ênfase em algum lugar que não seja a última sílaba, forneceremos um acento.

1.1b. O *niqqud* da segunda palavra do versículo da nossa lição foi excluído intencionalmente. Essa palavra é o nome de quatro letras para o SENHOR, chamada *tetragrama*. Por razões religiosas, os massoretas não pronunciavam o nome do SENHOR. Em decorrência disso, essa palavra pode ocorrer na Bíblia Hebraica sem o *niqqud* ou com o *niqqud* de *Adonai* ou *Elohim* como lembrete para substituir a palavra por *Adonai* ou *Elohim* durante a leitura em voz alta. Infelizmente, não sabemos como pronunciar esse nome com certeza. Muitos cristãos o pronunciam Jeová, baseando-se na tradição, mas alguns acreditam que a pronúncia original se parecia mais com /yah-vé/. Se você não quiser pronunciar o nome, você pode substituí-lo por *Adonai* sempre que se deparar com o tetragrama.

¹ Sternberg, *The Poetics of Biblical Narrative: Ideological Literature and the Drama of Reading* (Bloomington: Indiana U. Press, 1987), p. 256-257. Como sugere o título, Sternberg afirma que o contador de histórias bíblico amplia o código linguístico da língua hebraica para desenvolver as convenções literárias especiais que comunicarão os ideais da fé bíblica da melhor maneira possível.

O wayyiqtol

1.2a. O *vav* [ׁ] no início de uma palavra pode significar *e*, *mas* ou *ou*, independentemente da vogal que o acompanha. Na maioria das vezes, ocorrerá como ׁ, ׃ ou ׂ. O conceito *e* (*mas*, *ou*) nunca aparece no hebraico como palavra separada. Sempre o encontramos no início de outra palavra.

1.2b. Começaremos observando algo especial em relação ao *vav* no início da palavra ִׁאָמֶרׁ. Estendamos a palavra para isolar o *vav* especial:

ִׁאָמֶרׁ

O *vav* da palavra, sua vogal que é um *patach* [ַ] e o ponto que estava no *yod* [׃] foram removidos da palavra como uma unidade. Em breve, você reconhecerá a importância dessa unidade, mas estudemos primeiro mais sobre o ponto que provém do *yod*. O ponto, que, às vezes, é encontrado dentro de uma consoante, é chamado *daguesh*.

REGRA: Se houver uma vogal cheia que precede imediatamente uma consoante com um *daguesh*, trata-se de um ***daguesh forte***, que representa uma **duplicação da consoante em que ocorre**. Uma vogal cheia é qualquer vogal que não seja um *shewa* [ְ].

Falando nisso, o outro tipo de *daguesh* é o *daguesh lene*, o *daguesh* fraco. O *daguesh lene* não ocorre após uma vogal cheia. O *daguesh lene* pode alterar a pronúncia de uma letra, transformando por exemplo um ׁ (v) em um ׃ (b), mas não duplica a letra como o *daguesh forte*.

O ׃ em ִׁאָמֶרׁ é precedido de uma vogal, o *patach* sob o *vav* [ׁ]. Em decorrência disso, o ponto em ׃ é um *daguesh forte*, que representa um *yod* duplicado.

1.2c. Quando vemos o ׁ no início de uma cláusula seguido por um *patach* e *daguesh forte* [ַ ׃], a construção tem um efeito importante sobre nossa compreensão da palavra vinculada.

[ַ ׃] indica:

1. A palavra é um verbo que chamamos de **forma wayyiqtol / va-yic-TOL**.
2. O sujeito do verbo é um pronome prefixo, indicado pela consoante após o *vav* [ׁ]. Em ִׁאָמֶרׁ, esta consoante é o *yod* [׃], que é um

pronome prefixo que significa *ele*. Estendamos mais uma vez a palavra para conseguirmos ver melhor o *yod*.

אֵלֶּיךָ יְיָ אֱלֹהֵינוּ

Para repetir: o *yod* significa *ele*. Para fins comparativos, vejamos, a esta altura, alguns outros pronomes prefixos:

אַתָּה = você

אֲנִי = nós

אֲנִי = eu

Não é necessário decorar todos eles agora. Nas próximas lições, estaremos tratando apenas do prefixo singular masculino da terceira pessoa *ele*.

3. A maioria dos tradutores costuma usar o pretérito perfeito para a forma verbal *wayyiqtol*.

REGRA: A forma verbal *wayyiqtol* funciona como linha principal do discurso da narrativa histórica. O *vav* + *patach* + *daguesh forte* (uma consoante pronominal duplicada) [·] indica um evento numa série de eventos.

Análise verbal

1.3a. Agora, explicaremos a seguinte *tabela de análise verbal*:²

Raiz	Tronco	Forma	Pessoa, gênero, número	Função	Significado básico da raiz
אָמַר	Qal	Wayyiqtol	3ª s.m. (<i>ele</i>)	Linha principal da narrativa histórica	<i>Dizer</i>

² As tabelas de análise verbal neste livro são adaptações das tabelas usadas em Kittel, Hoffer e Wright, *Biblical Hebrew* (New Haven: Yale U. Press, 1989) e Ben Zvi, Hancock e Beinert, *Readings in Biblical Hebrew: An Intermediate Textbook* (New Haven: Yale U. Press, 1993).

1.3b. **Raiz:** Se quisermos entender uma palavra hebraica, precisamos descobrir sua raiz. A maioria das palavras hebraicas contém uma raiz *triconsonantal* (triliteral). A raiz de três letras da palavra confere à palavra seu significado básico. Esse significado básico pode então ser modificado por uma série de variações bastante padronizadas na pronúncia da raiz.

Lembrando-nos de que a maioria das palavras hebraicas é derivada de raízes triconsonantais, precisamos agora adivinhar quais das três letras em אָמַר formam a raiz. Em termos gerais, as três consoantes de uma raiz aparecem juntas. Teremos que decidir quais consoantes do início e/ou do final da palavra *não* fazem parte da raiz. Visto que já explicamos as consoantes representadas por אָ, restam-nos as três letras da raiz: אָמַר, que significa *dizer*.

1.3c. **Tronco:** O significado básico de uma raiz é modificado pela vocalização e pronúncia. Variações padronizadas no *niqqud* ou o acréscimo de outras letras à raiz indicam essa variação de significado chamada *tronco*. Podemos dizer que o tronco em que um verbo está escrito acrescenta o aroma ao significado básico da raiz. O tronco básico, não ampliado é *Qal*, que, em hebraico, significa *fácil* ou *básico*. Portanto, podemos inserir *Qal* ou *Q* na coluna “tronco” da nossa tabela, já que אָמַר ocorre sem qualquer ampliação. É bem provável que toda essa questão de אָמַר ser “não ampliado” não esteja bem clara para você. Simplesmente confie por ora que estou dizendo a verdade até você conhecer outros casos que lhe permitirão fazer uma comparação.

1.3d. **Forma:** Nesta coluna, escrevemos “wayyiqtol”. O nome desse verbo provém de אָמַרְתָּ. A pronúncia dessa palavra é, mais uma vez, /va-yic-TOL/. Segundo alguns hebraístas, o *w* em wayyiqtol provém do fato de que o *vav* era pronunciado como o *w* inglês (alguns hebraístas chamam o אָ de *waw*), mas nós o pronunciaremos /v/. אָמַרְתָּ é, simplesmente, a raiz hebraica para *matar*, אָמַרְתָּ na mesma forma, pessoa, número e gênero como a palavra אָמַרְתָּ da nossa lição. Os gramáticos escolheram a raiz אָמַרְתָּ para batizar essa forma verbal porque a conjugação da raiz é regular em todas as formas e troncos.

1.3e. **Pessoa, gênero e número:** Em 1.2c.2, aprendemos que o *yod* em אָמַרְתָּ é um prefixo que representa o sujeito pronominal do verbo. Mais especificamente, o prefixo indica um sujeito na terceira pessoa do singular masculino (“3ª s.m.” na tabela), que, em português, corresponde a *ele*. No hebraico, existem apenas os gêneros masculino e feminino. Não existe o neutro como em algumas outras línguas.

1.3f. **Função:** A forma verbal e sua função dentro de um gênero ou tipo de discurso estão intimamente associadas. Isso vale para qualquer língua, inclusive o português. A forma verbal wayyiqtol tem a função mais especializada de todas as formas verbais do hebraico bíblico. Ela sustenta a linha principal da trama, ou simplesmente a linha principal³ do gênero da narrativa histórica na Bíblia hebraica em mais de 14 mil casos. Como forma verbal da linha principal, o wayyiqtol faz a história avançar. A forma verbal em português que executa a mesma função é o pretérito perfeito. Isso não significa que a forma verbal wayyiqtol seja o pretérito perfeito do hebraico bíblico. Não o é exatamente. Os verbos do hebraico bíblico não transportam um significado temporal da mesma forma como o fazem os verbos em português. No entanto, normalmente traduziremos o wayyiqtol recorrendo ao pretérito perfeito na nossa língua.

Outra chave para entender a função do wayyiqtol é o *vav*. O *vav* em configuração com um *patach* e *daguesh forte* nos informa que nos encontramos numa série de eventos. Podemos, portanto, querer traduzir a configuração do *vav* como *e então*. Você aprenderá mais tarde quando deve e quando não deve traduzir usando *então*.

1.3g. **Resumo:** אָמַרְיִ ׀ é uma oração inteira em hebraico bíblico, comprimida numa única palavra! Leia o texto abaixo da direita para a esquerda, ao estilo hebraico:

אָמַרְ	יִ ׀	׀ ׀
<i>dizer</i>	<i>ele</i>	<i>e ou e então</i>
		+ tradução do pretérito

Tradução: *E (então) ele disse.*

Ordem das palavras

1.4. Não é só o *yod* em אָמַרְיִ ׀ que é o sujeito do verbo, mas, no hebraico bíblico, outra palavra separada também pode especificar o sujeito. Na nossa

³ Longacre, *Joseph: A Story of Divine Providence* (Winona Lake: Eisenbrauns, 1989), p. 64: “Os gramáticos de discurso estão reconhecendo cada vez mais que, quando uma história é narrada em qualquer língua, um tempo verbal específico é favorecido como portador da trama da história, enquanto os outros tempos verbais servem para apresentar o contexto, material ilustrativo e de apoio na história.” E ainda: “Uma sequência de cláusulas (necessariamente iniciadas pelo verbo) que contém pretéritos [nossos wayyiqtois] é a espinha dorsal de qualquer história do Antigo Testamento.”

lição, isso vale para o tetragrama יהוה. O conceito ele, inserido no verbo da nossa lição, se refere a יהוה. No hebraico bíblico, a ordem das palavras é, normalmente, verbo-sujeito (ou V-S). Quando traduzimos uma oração hebraica na ordem V-S comum, usamos a ordem S-V comum em português.

Tradução completa: *E (então) YHVH disse.*

Tarefas

1.5a. Aprenda todas as partículas e as 50 primeiras palavras da sua lista de vocabulário que começa na p. 543. Por ora, basta decorar a glosa ou o “significado” em negrito. Você precisará dessas partículas e as 50 palavras para as oito primeiras lições, mas você não precisa conhecer todos eles “de cabeça” antes de passar para a lição 2. Reveja os 15 primeiros nomes próprios algumas vezes.

1.5b. Abaixo está o texto de Gênesis 44.22-26. Você deveria ser capaz de encontrar e marcar cinco wayyiqtol com base naquilo que aprendeu até agora. Mesmo não conseguindo entendê-los ainda, você consegue encontrá-los. Cada um representa outro evento numa série de eventos. Lembre-se de que a letra após o *vav* nem sempre é um *yod*. Sua única preocupação é o *vav* com um *patach*, seguido por *daguesh forte*. Falando nisso, qualquer *daguesh* após um *patach* é um *daguesh forte*.

וַיֹּאמֶר אֱלֹהֵי אָדָנִי לֹא־יִוָּכַל הַנַּעַר לְעֹזֵב אֶת־אָבִיו
וְעֹזֵב אֶת־אָבִיו וְמַת: וַחֲאָמַר אֶל־עֲבָדָי אִם־לֹא יֵרֵד
אֲחֵיכֶם הַקָּטָן אֲחֵיכֶם לֹא תִסָּפֵן לְרֹאוֹת פָּנָי:
וַיְהִי כִי עָלִינוּ אֶל־עֲבָדָי אָבִי וַנִּגְדַּל־לוֹ אֶת דְּבָרֵי אָדָנִי:
וַיֹּאמֶר אָבִינוּ שְׁבוּ שְׁבֵרוּ־לָנוּ מַעַט־אֶכֶל:
וַיֹּאמֶר לֹא נוּכַל לְרַדֵּת